

**Resumo:** *A partir do texto de Estudos da CNBB 104, publicado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o presente artigo se debruça sobre o vocábulo “casa” aplicado à proposta de renovação paroquial, a fim de insistir na necessária transformação da paróquia em comunidade de comunidades. Retoma-se a expressão latina *Domus Ecclesiae*, confrontando-a com a expressão *Ecclesia domestica*, atribuída pelo recente magistério à família, no intuito de se enfatizar a relação entre as características da família, como comunidade de pessoas, e a vocação da comunidade eclesial em se tornar uma família, sobretudo pelas relações humanas caracterizadas pela fraternidade.*

**Palavras-chave:** *Igreja doméstica, família, comunidade, fraternidade.*

**Abstract:** *From the text of Estudos da CNBB 104, published by the National Conference of Bishops of Brazil, this article focuses on the word “home” applied to the proposed parish renewal, in order to insist on the necessary transformation of the parish as community of communities. Take up the Latin expression *Domus Ecclesiae*, confronting it with the phrase *Ecclesia domestica*, attributed by the recent magisterium to the family, in order to emphasize the relationship between the characteristics of the family as a community of people, and the vocation in the ecclesial community to become a family, especially through human relationships characterized by brotherhood.*

**Keywords:** *Domestic church, family, community, brotherhood.*

## **Família como comunidade e comunidade eclesial como família: fraternidade cristã e universal na nova paróquia**

*Rafael Cerqueira Fornasier\**

---

\* O autor é assessor da Comissão Episcopal de Vida e Família, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.



## Introdução

O texto de estudo *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, publicado recentemente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através de comissão *ad hoc*,<sup>1</sup> ao se apoiar no vocábulo “casa”, o emprega tanto no seu sentido alegórico quanto literal, propondo que a urgente renovação paroquial passe pela transformação da comunidade eclesial em verdadeira comunidade de comunidades ou família de famílias, que se concretiza em meio às casas dos homens e mulheres de nosso tempo.

Partindo do emprego que o texto supracitado faz desse vocábulo, o presente estudo se deixa incitar ao aprofundamento da percepção da realidade familiar e comunitária da Igreja primitiva e sua transposição à proposta pastoral a que se pretende, colocando em evidência o desdobramento da experiência eclesial na casa de família ou na casa-comunidade. Em seguida, assumindo a clássica expressão *Domus Ecclesiae* como chave hermenêutica da vida comunitária eclesial para os nossos dias, propõe-se assumir, por um lado, a analogia com a família, a fim de se desenvolver a ideia de uma comunidade familiar, e, por outro, haurir da reflexão sobre a expressão frequentemente usada pelo magistério, *Ecclesia domestica* – vizinha da primeira expressão – a contribuição da família como primeira comunidade eclesial no seio da Igreja. Por fim, buscando verificar a existência de estreita ligação e interação entre *Domus Ecclesiae* e *Ecclesia domestica*, avança-se a proposta de se servir da noção de fraternidade como síntese no processo de reflexão teológica, apontando suas implicações eclesiológicas e pastorais.

### I A casa de família e a casa-comunidade na experiência eclesial

No texto de estudos n. 104 da CNBB, o vocábulo “casa” retorna aproximadamente quarenta e cinco vezes. Num primeiro momento, o texto faz referência ao dado escriturístico, fundamentando a experiência eclesial no relato da experiência cristã vivida em casas de família: “Depois da celebração, em casa, na pequena comunidade da família, o povo aprofundava o significado das leituras ouvidas na sinagoga (cf. *2Tm* 3,15;

<sup>1</sup> CNBB, **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia. Estudos da CNBB 104. Brasília: Edições da CNBB, 2013. Doravante indicado pela abreviação CC.



1,5).”<sup>2</sup> Era nas casas que, principalmente, a comunidade cristã se constituía sobre as quatro colunas indicadas por Lucas.<sup>3</sup> Nesta perspectiva, Jesus é apontado como aquele que “recupera a dimensão caseira da fé”,<sup>4</sup> pois ele mesmo acolhia em sua própria casa (cf. *Mt* 9,28; *Mc* 1,33).

Em consonância com esta leitura bíblica, a perspectiva teológica do texto supracitado retoma a referência à experiência paulina de Igreja e afirma que

*São Paulo prefere usar a expressão Igreja Doméstica (Domus Ecclesiae), indicando que as comunidades se reuniam na casa dos cristãos. As comunidades cristãs de Jerusalém, Antioquia, Roma, Corinto, Éfeso, entre outras, são comunidades formadas por Igrejas Domésticas, sendo que as casas serviam de local de acolhida dos fiéis para ouvir a Palavra, repartir o pão e viver a caridade que Jesus ensinou.*<sup>5</sup>

Ressalta-se que, com a progressiva expansão do mundo urbano, as comunidades da Palestina, marcadamente rurais e itinerantes, passaram a um modelo<sup>6</sup> de Igreja mais sedentarizada, porém ainda, nos três primeiros séculos, caracterizadamente doméstica. “A casa era a estrutura básica da sociedade e estava ligada à totalidade da mesma.”<sup>7</sup> No entanto, nos períodos históricos subsequentes, a Igreja doméstica ou familiar cede espaço para a paróquia, na qual o organização central se apoia no dado territorial.<sup>8</sup> A experiência eclesial vivida na *igreja-casa* se aglutina em torno a um grupo maior, ao local de reunião ou ao templo, à comunidade paroquial.<sup>9</sup>

<sup>2</sup> *Ibid.*, n. 12.

<sup>3</sup> Cf. n. 36. Segundo uma leitura que se inspira da tradição judaica, alguns exegetas apontam, em lugar de quatro colunas ou fundamentos, três. Cf. BOSSUYT, P.; RADERMAKERS, J. **Témoins de la Parole de la Grâce. Actes des Apôtres.** 2 Lecture continue. Collection IET 16. Bruxelles: Institut d'Etudes Théologiques de Bruxelles, 1995, p. 158-161. Ver também BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **The New Jerome Biblical Commentary.** New Jersey: Prentice Hall, 1990, p. 734.

<sup>4</sup> CC, n. 22.

<sup>5</sup> *Ibid.*, n. 46. Cf. *Fl* 1,2; *Col* 4, 15; *Rm* 16, 5; *1Cor* 16, 19; *At* 1, 13; 2, 46.

<sup>6</sup> A respeito dos modelos de Igreja, veja-se, por exemplo, CIPOLINI, P. C., A Igreja e seu rosto histórico. Modelos de Igreja e modelo de Igreja na cidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Fasc. 244, p. 825-851, dez. 2001.

<sup>7</sup> CC, n. 47.

<sup>8</sup> Não é intenção deste estudo fazer uma avaliação do dado negativo ou positivo da criação das paróquias como espaços de reunião ou templos, localizados e delimitados por um território.

<sup>9</sup> Cf. CC, n. 49.



Por um lado, fica evidenciado o real risco de massificação e anonimato dos cristãos em meio à grande assembleia. Por outro, a relação entre *Igreja-casa* e *Igreja-comunidade* sempre esteve articulada como duas faces indissociáveis da mesma realidade, ou seja, a comunidade eclesial.<sup>10</sup> Como o afirma o próprio texto de estudo da CNBB, Jesus Cristo ele mesmo, desde sua tenra infância, experimentou a vida religiosa na casa de sua família e em relação ao templo,<sup>11</sup> local de culto público do povo de Israel. E, mais tarde, nos ensinamentos e encontros acontecidos em casa própria e alheia ou nas sinagogas e diante de multidões.<sup>12</sup>

## II Relação entre *ecclesia domestica* e *domus ecclesiae* na comunidade paroquial<sup>13</sup>

O Documento de Aparecida e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil (2011-2015) insistem na importância da família na ação evangelizadora, orientando que a família seja assumida como eixo transversal de toda a vida pastoral da comunidade cristã.<sup>14</sup> De fato, “na renovação paroquial, a questão familiar exige conversão pastoral para não perder nada do que a Igreja ensina e, igualmente, não deixar de atender, pastoralmente, as novas situações familiares.”<sup>15</sup>

Ao final do documento de estudos 104 da CNBB, algumas proposições são indicadas e necessitam ser aprofundadas e implementadas para se realizar esta conversão pastoral em vista da nova evangelização, sobretudo no âmbito da pessoa e da família. Ao se falar da caridade, o texto reforça a necessidade de “valorizar a família, santuário da vida, e os grupos de casais que se apoiam mutuamente, promovendo encontros entre as famílias”, pois “são exemplos de iniciativas para conscientizar as

<sup>10</sup> Cf. ZULEHNER, P. M. Comunidade. In: EICHER, P. (Dir.) **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 102.

<sup>11</sup> Cf. CC, n. 12.

<sup>12</sup> Cf. CC, n. 22-23. O fenômeno de massa merece maior atenção quanto à sua contribuição no âmbito da fé cristã. Descartá-lo simplesmente, em nome da justa preocupação com a realização da vida cristã comunitária local, significa perder algo próprio da natureza humana atestado ao longo de sua história secular e também religiosa.

<sup>13</sup> A título de metodologia, optou-se aqui por atribuir a expressão *Domus Ecclesiae* à comunidade e *Ecclesia domestica* à família, como empregado em documentos magisteriais, embora a tradução “Igreja doméstica” seja com frequência empregada tanto a uma quanta a outra.

<sup>14</sup> DGAE, n. 108 e DAp, n. 435.

<sup>15</sup> CC, n. 102.



peçoas sobre a importância da família na vida de cada um.” Ao mesmo tempo, “acolher, orientar e incluir nas comunidades aqueles que vivem numa outra configuração familiar, são desafios do presente.”<sup>16</sup>

Todavia, é mister reassumir o lugar da família não só como sujeito a ser evangelizado, mas como sujeito de evangelização. Retomando a expressão da *Lumen gentium*, n. 11, o Documento de Aparecida afirma:

*Ao mesmo tempo, quando essa experiência de discipulado missionário é autêntica, “uma família se faz evangelizadora de muitas outras famílias e do ambiente em que ela vive”. (FC 52; CCE 1655-1658, 2204-2206, 2685) Isso age na vida diária “dentro e através dos atos, das dificuldades, dos acontecimentos da existência de cada dia”. (FC 51) O Espírito, que faz tudo novo, atua inclusive dentro de situações irregulares, nas quais se realiza um processo de transmissão da fé, mas temos de reconhecer que, nas atuais circunstâncias, às vezes esse processo se encontra com muitas dificuldades. Não se propõe que a Paróquia chegue só a sujeitos afastados, mas à vida de todas as famílias, para fortalecer nelas a dimensão missionária.*<sup>17</sup>

A fim de se evitar a simples justaposição entre comunidade familiar e comunidade eclesial, como frequentemente corre-se o risco de se fazer na prática pastoral e na pesquisa teológica, é bem-vinda a apropriação da noção de *Domus Ecclesiae* – Igreja doméstica – aplicada à proposta de comunidade eclesial, que, por sua vez, quer vislumbrar o novo rosto da paróquia. Contudo, haja vista a atual situação do emprego da expressão nos limites da pesquisa quase que exclusivamente no âmbito da história da Igreja primitiva ou nos estudos de liturgia, parece importante adotar, como chave hermenêutica, o emprego de expressão análoga, comumente atribuída pelo magistério da Igreja à família (*Ecclesia domestica*). Tarefa que poderia ser objeto de pesquisa mais aprofundada, à qual aqui só se fez rápida alusão.

A correlação entre os empregos em teologia da expressão *Ecclesia domestica* para a família e *Domus Ecclesiae* para comunidade paroquial necessita de aprofundamento, ainda que *en passant*, a fim de se colherem eventuais contribuições para a experiência eclesial que brota

<sup>16</sup> *Ibid.*, n. 229.

<sup>17</sup> *DAp*, n. 204.



do *vis-à-vis* destas duas realidades, tanto em nível teológico-pastoral quanto social.<sup>18</sup>

## II.1 *Ecclesia domestica* como família-comunidade

O Documento de Aparecida oferece grande contribuição ao presente estudo, ao afirmar que “dentro do território paroquial, a família cristã é a primeira e **mais básica comunidade eclesial**. Nela se vivem e se transmitem os valores fundamentais da vida cristã. Ela se chama ‘Igreja Doméstica’”.<sup>19</sup>

Na mesma linha, as conferências latino-americanas também fizeram uso da expressão *Ecclesia domestica* (Igreja doméstica), aplicada à família, insistindo no aspecto comunitário. A família é, portanto, “comunidade de fé, de oração, de amor, de ação evangelizadora, escola de catequese”<sup>20</sup>, da qual depende em grande parte o futuro da evangelização.<sup>21</sup> Santo Domingo declara que a família cristã é “a primeira comunidade evangelizadora.”<sup>22</sup>

*A própria vida quotidiana de uma família autenticamente cristã constitui a primeira “experiência de Igreja”, destinada a confirmar-se e a progredir na gradual inserção ativa e responsável dos filhos na mais vasta comunidade eclesial e na sociedade civil. Quanto mais os esposos e pais cristãos crescerem na consciência de que a sua “Igreja doméstica” participa na vida e na missão da Igreja universal, tanto mais os filhos poderão ser formados para o “sentido da Igreja” e experimentarão a beleza de dedicar as suas energias ao serviço do Reino de Deus.*<sup>23</sup>

No entanto, a família não é autossuficiente e, muitas vezes, não recebe somente apoio na vida da comunidade eclesial, como também a comunidade se torna uma verdadeira referência de família, através da

<sup>18</sup> É também a preocupação manifestada por Hermann Häring acerca de uma eclesiológia que se desdobra através de elementos históricos, sociológicos e dogmáticos. Cf. HÄRING, H. Igreja/Eclesiologia. B. Teologia Sistemática. In: EICHER, P. (Dir.) *op. cit.*, p. 375.

<sup>19</sup> *DAP*, n. 204. Grifo nosso.

<sup>20</sup> *MEDELIN*, n. 3.IV.7

<sup>21</sup> Cf. *PUEBLA*, n. 4 do Discurso Inaugural; n. 1.2

<sup>22</sup> *SANTO DOMINGO*, n. 64; ver também n. 40; 210; 214; 297;

<sup>23</sup> *JÃO PAULO II*, Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*, n. 62. Grifo nosso.



fraternidade, da amizade, da partilha, da solidariedade da transmissão da fé etc., que muitos não dispõem no seio da própria família de origem.<sup>24</sup> Mesmo exercendo o seu ministério – segundo a expressão da *Familiaris consortio*, n. 53 – como Igreja doméstica, haja vista que a missão de evangelização e de catequese deriva da única missão da Igreja, em vista da edificação do corpo de Cristo, a família permanece em comunhão com os serviços e pastorais responsáveis pela evangelização e pela catequese no seio das comunidades locais.<sup>25</sup>

## II.2 *Domus ecclesiae* como comunidade-família

Do lado da expressão *domus ecclesiae* parece haver uma lacuna teológica no seu aprofundamento, haja vista que se limita, em sua acepção literal, a localizar sua incidência histórica, e avaliá-la socialmente no contexto da eclesiologia da Igreja primitiva, isso quando não é omitida totalmente.<sup>26</sup> Em sua conotação espiritual, que reenvia à realização da própria Igreja de Cristo na comunidade local, parece haver pouca transposição de seu valor teológico para a atual experiência eclesial. Talvez isso se deva ao fato de se atribuir rapidamente ao grupo de seguidores de Jesus Cristo o termo *koinonía* (comunidade/comunhão), que, por sua vez, dará paulatinamente lugar ao termo *ekklesia*.<sup>27</sup> Portanto, o documento de Estudo 104 da CNBB faz uma instigante escolha hermenêutica ao designar a comunidade paroquial como “casa” ou *domus ecclesiae*. Com efeito, esta analogia pode contribuir a resgatar a própria ideia de comunidade, a partir da noção de família.

Voltando ao texto de estudos da CNBB, constata-se que, ao se retomar o Documento de Aparecida,<sup>28</sup> juntamente com a concepção da

<sup>24</sup> Cf. *DAP*, n. 119;

<sup>25</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Familiaris Consortio*, n. 53.

<sup>26</sup> Veja, por exemplo, a rápida menção que se faz da expressão em FRANKEMÖLLE, H. Igreja/Eclesiologia. A. Teologia Bíblica. In: EICHER, P. (Dir.) *op. cit.* Ao se tratar da comunidade primitiva em sua obra de teologia fundamental, Salvador Pié-Ninot não menciona a *domus ecclesiae*. Cf. PIE-NINOT, S. *La teologia fondamentale*. Biblioteca di Teologia Contemporanea, BTC 121, Brescia: Queriniana, 2002, p. 514-515.

<sup>27</sup> Cf. TILLARD, J.-M. Comunhão. In: LACOSTE, J.-Y. (Dir.) **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas-Loyola, 2004, p. 400-405. Ver também PIE-NINOT, S. *op. cit.*, p. 514-515.

<sup>28</sup> O termo “casa” também é empregado na reflexão das cinco urgências no documento da CNBB, **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil – (2011-2015)**. Brasília: Edições da CNBB, 2011. Cf. n 29; 37.



paróquia como “comunidade de comunidades”, ela também é designada como “casa” e, por conseguinte, como família.<sup>29</sup> Por isso, não se hesita em assumir tal imagem, rica de significados que sugerem desenvolvimentos pastorais consequentes. A paróquia como casa ou a *casa-comunidade*<sup>30</sup> torna-se, então, objeto de reflexão teológica e de ação pastoral.<sup>31</sup> A justificativa da escolha da imagem é dada nos n. 74 e 75:

*A ideia de paróquia como casa [...] pretende fornecer o conceito de lar, ambiente de vida, referência e aconchego de todos que transitam pelas estradas da vida. Recuperar a ideia de casa não significa fixar um território ou lugar, mas garantir o referencial para o cristão peregrino encontrar-se no lar. É uma estação, uma parada no caminho para a pátria definitiva. Uma “estação” para prosseguir na estrada de Jesus e com ele nos deter na casa dos amigos, como ele fazia em Betânia, na casa de Marta, Maria e Lázaro.*

*Atualmente, há uma situação social de desamparo, de falta de pertença e até de deserto espiritual, que reclama uma casa de acolhida em meio às dificuldades. A paróquia pode e deve ser essa casa.*<sup>32</sup>

Note-se, no texto citado, o carácter ambivalente do vocábulo “casa” empregado para a comunidade eclesial: ele assume ao mesmo tempo uma acepção dinâmica e estática. É necessário recordar que o texto de estudo já havia anteriormente trabalhando esta circularidade entre os aspectos dinâmico e estático da experiência eclesial, ao retomar a etimologia das palavras gregas *paroikía*, *paroikein*, *pároikos*.<sup>33</sup> Há, portanto, uma referência a um topos, ou “localização” da ressurreição, que, segundo Zulehner, é uma determinação teológica<sup>34</sup> tipificando a própria experiência cristã.

<sup>29</sup> CC, n. 69.

<sup>30</sup> *Ibid.*, n. 73.

<sup>31</sup> Cf. Veja-se, por exemplo, ALMEIDA, A. J. Ser comunidade hoje: à luz da experiência das primeiras comunidades. In: CNBB. **Igreja, Comunidade de comunidades**: Experiências e avanços. Projeto Nacional de Evangelização O Brasil na Missão Continental. Brasília: Edições da CNBB, 2009, p. 48-51.

<sup>32</sup> O documento desenvolve, em seguida, sua reflexão a partir da trilogia: *casa da Palavra*, *casa do pão* e *casa da caridade*. Cf. n. 76-82. Ver também a interessante trilogia da comunidade, proposta por Dom Dadeus Grings. Cf. GRINGS, D. **As Comunidades Paroquiais**. Cartilha da Nova Paróquia. Porto Alegre: Padre Reus, 2013.

<sup>33</sup> Cf. CC, n. 44-45.

<sup>34</sup> Cf. ZULEHNER, P. M., *op. cit.*, p. 101.





### III A fraternidade como *conditio sine qua non* da comunidade eclesial

Ao se estudar o tema da comunidade eclesial como família, depara-se quase que naturalmente com a noção de fraternidade, estreitamente ligado à teologia da filiação divina. A comunidade eclesial tem aí um grande escopo. Ela deve ser

*fraterna, a ponto de se intercambiar o apelativo de irmão, já que todos se sentem coparticipantes do mesmo itinerário de fé: a fé em Cristo Messias e Senhor e a consolante certeza de possuir o Espírito de Jesus; que é espírito de filiação em relação ao Pai e espírito de fraternidade em relação ao Filho.*<sup>35</sup>

É notória a insistência de alguns autores na necessidade de se fomentar, gerar, desenvolver e alimentar a comunhão vivida no seio das comunidades paroquiais através da *fraternidade*,<sup>36</sup> como forma adequada da existência da Igreja-comunidade ou das comunidades domésticas.<sup>37</sup> Com efeito, “uma Igreja sólida como instituição, mas vazia de vida comunitária real, como casa ou família, não está de acordo com a inspiração do Novo Testamento.”<sup>38</sup>

O tema da fraternidade pode ser assumido como uma das grandes características do *ethos* próprio da comunidade eclesial, como elemento comum e estrutural necessário à indissociável interação entre *domus ecclesiae* e *ecclesia domestica*. Ademais, sua concepção antropológica e teológica<sup>39</sup> pode receber importante aporte da experiência familiar. Pois, “graças à caridade da família, a Igreja pode e deve assumir uma dimensão mais doméstica, isto é, mais familiar, adotando **um estilo de relações mais humano e fraterno.**”<sup>40</sup>

A fraternidade começa geralmente no seio da família, onde se aprende e se ensina, incondicionalmente, a acolher e ser acolhido, a ouvir

<sup>35</sup> RUCCIA, A. **Parrocchia e Comunità**. Bologna: EDB, 2007, p. 89.

<sup>36</sup> Cf. PEREIRA, J. C. **Paróquia Missionária à luz do Documento de Aparecida**. Procedimentos fundamentais. Brasília: Edições da CNBB, 2012, p. 31-32.

<sup>37</sup> Cf. HUBBELING, H.G. Emil Brunner. In: GUCHT, R. V.; VORGRIMLER, H. **Bilan de la théologie du XXe Siècle**. T. 2, Les disciplines théologiques – portraits de théologiens – l’avenir de la théologie, Tournai-Paris: Casterman, p. 742.

<sup>38</sup> CC, n. 71.

<sup>39</sup> A este respeito, ver RATZINGER, J. Fraternité. In: **Dictionnaire de Spiritualité**, T. 5, Colonne 1141, Beauchesne Editeur. Disponível em: <http://www.dictionnairedespiritualite.com/>. Acesso em: 02 mar. 2013.

<sup>40</sup> JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris consortio*, n. 64. Grifo nosso.



e ser ouvido, a cuidar e ser cuidado, a se doar e a receber, a amar e ser amado. Contudo, a família se abre igualmente para além de si mesma, para dar e receber, e por isso se torna como que o seminário para a vida comunitária em nível social e eclesial. De fato, ela não somente é Igreja doméstica, mas também é célula da sociedade.<sup>41</sup>

Por isso, alguns importantes traços da fraternidade cristã são deduzidos da família e podem ser, *mutatis mutandis*, transpostos para a comunidade eclesial, chamada a viver uma grande fraternidade.

*Aqui nós devemos voltar ao original significado cristão de ekklesia, o qual, antes de tudo, significa a atual realização da Igreja no seio de particular comunidade local. A fraternidade só pode ser realizada no seio da comunidade local – no seio de particular paróquia. Heinz Schürmann observou que a questão do tamanho da comunidade paroquial deve ser organizada nessa perspectiva. Deveria ser possível para todos se conhecerem entre si. “Pois não se pode viver em fraternidade com alguém que nem mesmo se conhece”.*<sup>42</sup>

As relações humanas vividas no seio da família, que caracterizam a fraternidade, são, por um lado, paradigmáticas das relações vividas em comunidade e, por outro, complementares tanto numa perspectiva antropológica quanto teológica. Neste sentido, mereceria maior atenção a relação entre a ideia de comunhão de pessoas (*communio personarum*), desenvolvida por uma antropologia personalista, notadamente por João Paulo II,<sup>43</sup> e a mesma ideia aplicada à comunhão dos cristãos membros da comunidade eclesial. Y. Congar afirma:

*A paróquia é o ambiente para a geração e formação do ser cristão. Assim como a família é o ambiente formador do homem, não conforme esta ou aquela qualificação, tal especialidade, mas simplesmente na qualidade básica de homem, a paróquia engendra e forma homens simplesmente conforme esta nova existência e esta qualidade de membro do Segundo Adão: sem qualificação especial.*<sup>44</sup>

<sup>41</sup> Cícero afirma que o matrimônio – ou a família – “*est principium urbis et quasi seminarium rei publicae*” (*Cic. off.* 1.17.53 s.) apud LOBRANO, G., A teoria da respublica (fundada sobre a “sociedade” e não sobre a “pessoa jurídica”) no *Corpus Juris Civilis* de Justiniano (Digesto 1.2-4). Revista Seqüência, no 59, p. 13, dez. 2009.

<sup>42</sup> RATZINGER, J. **The meaning of Christian Brotherhood** (Title of the German original: *Die christliche Brüderlichkeit*, Munich, Kösel-Verlag, 1960), San Francisco: Ignatius Press, p. 67.

<sup>43</sup> JOÃO PAULO II, **Homem e mulher o criou**. São Paulo: Edusc, 2005.

<sup>44</sup> CONGAR, Y. apud GRINGS, D. *op. cit.*, p. 42.



Por conseguinte, a família acaba se tornando para a comunidade-família o acesso para o horizonte de todas as famílias que a compõem e, por isso mesmo, para o horizonte da vida quotidiana e para a sociedade em geral. Quanto mais o caráter social da família for levado em conta pela comunidade eclesial, mais esta contará com a importante mediação da família entre o público e o privado,<sup>45</sup> a fim de se evitar a privatização da família e a divagação pública da comunidade.

Segundo P. C. Cipolini, “É interessante notar que a família como espaço primeiro da comunidade, capaz de transformar a realidade para melhor, não é somente uma aspiração da Igreja”. E prossegue citando M. Castells: “Na verdade, acredito que a reconstrução das famílias sob formas igualitárias seja o alicerce necessário para a reconstrução da sociedade pela base”.<sup>46</sup> A sociedade urbana cada vez mais “líquida”, para usar a expressão de Z. Bauman, não é favorável nem à comunidade nem à família.<sup>47</sup>

A fraternidade emerge como categoria relacional que garante os vínculos não só de relações essencialmente humanas, mas igualmente, de modo sempre novo – pois sempre aberta a crescer através da missão – eclesiológicos e sociais.<sup>48</sup> A comunidade eclesial, como família de famílias, tem a vocação de realizar um intercâmbio mútuo de presença e solidariedade entre todas as famílias, cada uma pondo ao serviço das outras a própria experiência humana, como também os dons da fé e da graça.<sup>49</sup>

Não obstante as dificuldades que podem ser encontradas no dia a dia da família, da sociedade e da comunidade eclesial, a fraternidade aparece no horizonte daqueles e daquelas que desejam algo mais do que simplesmente ter “êxito” pessoal e satisfação imediata a todo custo. A exigência de fidelidade para com o outro, busca sua energia na própria fidelidade de Deus, e não é uma aposta no vazio, mas a condição para reconhecer o outro e ser reconhecido. A fraternidade cristã, portanto, depende desta fidelidade de todo homem para o bem de todos. Em sua primeira saudação à Igreja e ao mundo, após sua eleição no dia 13 de

<sup>45</sup> Cf. DONATI, P. **Perché “la” famiglia? Le risposte della sociologia relazionale.** Cantagalli, p. 35-42.

<sup>46</sup> CIPOLINI, P. C. *op. cit.*, p. 847-848.

<sup>47</sup> Cf. CNBB – INP. **Pastoral urbana. Categorias de análise e interpretação pastorais.** Brasília: Edições da CNBB, 2010.

<sup>48</sup> Cf. BRIGHENTI, A. Evangelização inculturada e mundo urbano. In: CNBB – INP, *op. cit.*, p. 17.

<sup>49</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Familiaris consortio*, n. 69.



março de 2013, o Papa Francisco desejou que a Igreja, em seu caminho, seja presidida na caridade. E completou: “Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós.” Colocar a caminhada da Igreja na perspectiva da fraternidade significa redescobrir o sentido profundo da mesma. Desta redescoberta da fraternidade e da sua vivência depende a tão almejada renovação de nossas comunidades paroquiais. Faz-se necessário:

*abrir ainda mais as portas da grande família que é a Igreja, concretizada na família diocesana e paroquial, nas comunidades eclesiais de base ou nos movimentos apostólicos. Ninguém está privado da família neste mundo: a Igreja é casa e família para todos, especialmente para quantos estão “cansados e oprimidos”.*<sup>50</sup>

### Em guisa de conclusão

A experiência cristã se inicia, cresce e se aprofunda na experiência eclesial, vivida tanto no âmbito da grande assembleia quanto no âmbito da família, numa sinergia que garante o equilíbrio da vida pessoal, familiar, eclesial e social. Porém, as pequenas comunidades devem ser irrenunciáveis interfaces, permitindo a abertura da família à experiência eclesial comunitária e evitando a privatização<sup>51</sup> da experiência de fé e o anonimato eclesial. À família como *Igreja doméstica* compete, em primeiro lugar, a necessária transmissão da fé, da vida e do amor em estreita relação com a *Igreja doméstica*, comunidade paroquial, chamada a ser família dos cristãos, presente no meio das casas e agregando todas as famílias, sobretudo as mais frágeis e desestruturadas.<sup>52</sup> Nesta interação entre família, como igreja, e comunidade, como família, “trata-se de garantir comunidades onde se encontram relações interpessoais, a comunhão de fé e a participação de todos.”<sup>53</sup>

#### *Endereço do autor*

S/ESul Quadra 801 – Conjunto “B”  
70200-014 Brasília, DF

<sup>50</sup> *Ibid.*, n. 85.

<sup>51</sup> A este respeito, ver ZULEHNER, P. M. *op. cit.*, p. 105.

<sup>52</sup> JOÃO PAULO II, *Christifideles laici*, n. 26.

<sup>53</sup> CC, n. 47.